

A LEITURA E A INTERAÇÃO NOS JOGOS DIGITAIS E NAS PRÁTICAS ESCOLARES: UM ESTUDO DE CASO COMPARATIVO

MARIA ERIVALDA DOS SANTOS TORRES (COLÉGIO SANTOS DUMONT).

Resumo

Os jogos eletrônicos estão tomando um espaço cada vez maior, não só como entretenimento, mas como ferramenta para fins de comunicação e educação. A cada dia, percebemos a adesão das crianças às novas tecnologias e o domínio delas para acessar os diversos gêneros digitais. Embora isso seja um fato, a escola ainda mantém uma postura bastante distante de práticas de leituras que retratem o universo infantil vivido pela grande parte delas, em especial, as crianças de escolas particulares, de uma classe média da sociedade. O objetivo desse trabalho é comparar o processo de leitura na escola e em casa através de hipertextos. Trata-se de um estudo de caso realizado com uma criança de quatro anos no período de um ano. A fundamentação teórica se baseia nos estudos de Marcuschi (2005), Xavier (2007), Araújo (2007), entre outros. O corpus é composto por dois jogos do site www.papajogos.com.br e das atividades desenvolvidas na escola que tratam da mesma temática. A pesquisa ainda está em andamento, mas os dados já revelam que há uma adversidade entre as práticas letradas na escola das realizadas fora dela e isso nos leva a reflexão do processo interacionista no ambiente escolar, pois, em sua maioria, as atividades desenvolvidas não acompanham a evolução das tecnologias e desenvolvem um processo de exclusão no ato de ler.

Palavras-chave:

jogos eletrônicos , leitura, hipertexto.

1 Hipertexto: leitura prazerosa para crianças

Comunicar-se é essencial para que haja o entendimento entre as pessoas, para isso usamos códigos, imagens, gestos entre outros, e uma forma de comunicação que não podemos deixar de relevar é a comunicação virtual que atinge milhares de pessoas em todo mundo e tem facilitado a vida moderna.

A comunicação intermediada pelo computador tem se tornado alvo de debate acadêmico em várias áreas da Linguística, no Brasil, na área de Análise de Gêneros (Cf. Batista, 1998; Xavier & Santos, 2000 e 2000a; Komesu, 2001; Abreu, 2002; Marcuschi, 2002 e 2002a e Araújo, 2003), como na Linguística Aplicada (Cf. Lacombe, 2000, Gazeta 2000; Souza, 2000; Paiva, 2001 e Fonseca, 2002), e, na Análise da Conversação (Cf. McCleary, 1996; Vellasco, 1999; Hilgert, 2001; Nader, 2001 e Fonseca, 2001).

Esse tipo de comunicação atinge milhares e milhares de pessoas, inclusive as crianças. São diversos os gêneros como e-mail, chat, vídeo-conferência, blog entre outros. Cada um desses gêneros tem características próprias e devem ser analisados em particular. Os gêneros *que acontecem na Web poderíamos dizer que são hipertextuais, por trazerem, em sua textura, marcas indelévels da riqueza plural da linguagem de hipertexto, de modo que os elementos sonoros, imagéticos e escritos se fundem para compor o texto conversacional, ainda que a escrita, nestes gêneros,*

apresente características distintas da usual. (cf. ARAÚJO, 2002), pois viver em um mundo letrado digitalmente requer perceber que a cada momento que a tecnologia avança a maneira de ler e escrever modifica consideravelmente a necessidade de ler e adquirir habilidades e competências diversas que extrapolam um simples decodificar de signos linguísticos.

Ler no sentido etimológico da palavra é reconhecer, compreender os sinais gráficos das palavras de uma língua; tomar ou dar conhecimento do conteúdo de um escrito, podendo ainda se reconhecer ou interpretar um conjunto de sinais diferentes da escrita (músicas, gráficos, etc.). Se ler expressa tantos significados e é tão importante na vida das pessoas por que então não despertar esse desejo em cada ser, uma vez que é a chave para o desenvolvimento.

Quando se tem o domínio da leitura há uma apropriação de saberes com liberdade. Sabemos que quem não consegue ler, vive com um véu na obscuridade. A partir do momento que há a apropriação da leitura que se balbucia as primeiras palavras o véu é retirado e o cidadão, seja ele criança, jovem ou adulto, começa a ver o mundo com outros olhos. Passa a interagir com o meio social em que vive de forma diferente, pois seu conhecimento se amplia em razão da nova forma de se comunicar no mundo.

A leitura apresenta-se de várias maneiras através de gráficos, desenhos, mapas, músicas, peças teatrais, sinais gráficos das palavras, dos jogos eletrônicos, dos símbolos e etc. Embora muitos dos textos do universo infantil sejam hipertextuais, na escola, a leitura apresenta-se de maneira estruturalista, não muito atrativa e, na maioria das vezes, só se lê quando é determinado pela professora. Essa metodologia, muitas vezes enfadonha, não desperta o interesse dos educandos em desenvolver o ato de ler.

Segundo Almeida (2004), na concepção sócio-interacionista de leitura, para lermos um texto, necessitamos analisar a tensão que surge entre o estável e o instável, entre o constante e o variável nele, em função do tema ou dos interlocutores que buscam construir o seu sentido. São os modos de significar ou a complexidade do funcionamento da linguagem que nos interessam para analisarmos os movimentos interativos, para desvelarmos a leitura em sala de aula. Nessa visão, qualquer tentativa de sistematização não se sustenta, uma vez que cada comunidade linguística, cada língua apresenta uma variedade de linguagens e cada falante possui uma capacidade de proferir linguagens diferentes em situações variadas porque depende da colocação do sujeito que constrói sentido.

Assim, a construção do sentido do texto envolve, além da produção/ recepção, o olhar do leitor sobre o objeto lido e perceber o contexto em que esse leitor está inserido. Por isso, não podemos deixar de perceber que a tecnologia aparece e cresce cada vez mais de forma atrativa para nossas crianças e jovens, como os vídeo-games e outros jogos eletrônicos que interagem diretamente com esses leitores que estão em processo contínuo de formação.

Segundo Marcuschi(2002) os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas na maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita.

Contudo, sequer se consolidaram, esses gêneros eletrônicos já provocavam polêmicas quanto à natureza e proporção de seu impacto na linguagem e na vida social. Isso porque os ambientes virtuais extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas, ao lado do papel e do som. Em certo sentido pode-se dizer que, na atual sociedade da informação, internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo.

A aprendizagem da leitura e a escrita do/no hipertexto passa por uma nova ordem, e nela estará inserida a nossa sobrevivência. Para Xavier(2005), *hipertexto é uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade.*

Essa nova forma de ler e direcionar em um mesmo momento a vários leitores o que se quer apresentar é instigante e revolucionária. Pois, une som, imagem e escrita em um mesmo contexto, além de compartilhar a informação com várias pessoas ao mesmo tempo e em vários lugares. O hipertexto oportuniza-nos a fazer uma leitura de mundo. Leitura essencial para o desenvolvimento do ser em formação para melhor se situar e compreender o que acontece em sua volta.

Um dos maiores educadores que o Brasil e o mundo já conheceram, ao ser exilado na época da ditadura militar, Paulo Freire, imortalizou-se pelo seu método de alfabetização, onde o alfabetizando aprendia a ler a partir do próprio universo vocabular. Com esta visão de mundo, ele afirmou que *"a leitura no mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir a continuidade da leitura daquele"* (FREIRE, 1987:11). Desta forma, o mestre pernambucano nos mostra que não se leem palavras isoladas de um mundo referencial possível, mas sim somente a partir delas fazem sentido para qualquer aprendiz.

Conforme o educador, se para ler e entender a palavra é necessário antes ler o mundo. Então o hiper texto vem consolidar esse processo, visto que viabiliza multidimensionalmente a compreensão do leitor pela exploração superlativa de informações, muitas delas inacessíveis sem os recursos da hipermídia. O mundo virtual está cada vez mais presente na vida das pessoas, e muitas delas passam horas e horas de suas vidas navegando na rede. O sentido de liberdade e o acesso à informação com uma velocidade incomparável tem atraído milhões e milhões de pessoas para participar dessa nova realidade; muitas dessas pessoas já não conseguem viver sem estarem conectadas na rede mundial de internet.

O leitor contemporâneo já se sente emancipado e segundo Xavier(2005):

A leitura no hipertexto potencializa, através dos hiperlinks nele dispostos, a emancipação do leitor da superfície pluritextual sobre a qual centraliza temporariamente a sua atenção. A partir daqueles elos textuais, o hipernavegador pode seguir por rotas diferentes das originalmente organizadas pelo seu autor. Ou seja, os nós/elos hipertextuais diluem qualquer "contrato" supostamente firmado entre autor e leitor – como parece ocorrer nos livros convencionais – que estabeleça a chegada da viagem-leitura pelo texto eletrônico ao seu porto final. Assim como no período das grandes navegações as naus e esquadras tomavam, às vezes, destinos inesperados causados por fenômenos climáticos nos oceanos durante a viagem, os

hiperlinks funcionam como fenômenos da natureza do hipertexto que podem ser controlados - não acionados - pelos hipernavegadores. Estes não ficam mais ao sabor dos ventos e tempestades como os navegadores de outrora, antes exercem uma ingerência significativa sobre o percurso final da sua própria viagem no oceano virtual. (p. 177)

A metáfora usada por Xavier nos revela com clareza a emancipação do leitor do hipertexto ao fazer uso dos hiperlinks para navegar livremente sem sentir-se preso ao autor, como acontece na leitura realizada no livro escrito e impresso.

Compreender essa relação existente entre a nova maneira de ler o mundo é uma necessidade que não podemos mais evitar. Daí entender porque o fascínio de uma criança de quatro anos ao fazer uso dessas novas tecnologias e a facilidade de manusear os aparelhos eletrônicos como vídeo-game, notebooks infantis com programas extraordinários que facilitam a aprendizagem de maneira dinâmica e recreativa. Diferentemente de muitas escolas que ainda passam suas atividades de modo convencional e tradicional sem nenhum atrativo para as crianças, onde muitas das atividades são realizadas mecanicamente. Portanto, parece ser preciso tecer mudanças do âmbito educacional e acompanhar as novas tecnologias. O mundo mudou, o momento histórico é outro, a nova ordem mundial exige sujeitos-leitores críticos e criativos, no meio social que estão inseridos. E fazer parte desse mundo virtual já é uma realidade que não podemos mais fugir.

2 Leitura digital x leitura escolar

A nossa pesquisa trata-se de um estudo de caso realizado com uma criança de quatro anos no período de um ano. Escolhemos essa metodologia porque estudar os jogos eletrônicos passou a ser uma inquietação, pois esses estão tomando um espaço cada vez maior, não só como entretenimento, mas como ferramenta para fins de comunicação e educação.

A cada dia, percebemos a adesão das crianças às novas tecnologias e o domínio delas para acessar os diversos gêneros digitais. Embora isso seja um fato, a escola ainda mantém uma postura bastante distante de práticas de leituras que retratem o universo infantil vivido pela grande parte delas, em especial, as crianças de escolas particulares, de uma classe média da sociedade.

A partir dessa hipótese, começamos a observar as atividades desenvolvidas por uma criança na escola e como ela interagia com o mesmo conhecimento através dos jogos eletrônicos do site www.papajogos.com.br. Para este trabalho, analisamos o conteúdo cores ensinado na etapa 1 da educação infantil. Vale destacar que a criança estuda em uma escola particular, portanto há sala de informática para que se possa desenvolver as diversas atividades

com o computador, além de todos os aparelhos serem conectados a internet.

Com relação a esse conteúdo temático, as atividades propostas estavam sempre ligadas ao suporte de papel, tais como atividades de pintar, colar, conforme mostram os exemplos abaixo:

(Anexo 1)

(Anexo 2)

Nos exemplos acima, a criança realiza as atividades propostas pela professora, no entanto, as observações feitas revelam que é uma atividade rotineira e que não atrai tanto a sua atenção. Observamos que há a perda de interesse por esse tipo de atividade, pois se usava sempre o mesmo instrumento, a saber: papel, lápis de cor, tinta etc. Não que esse tipo de atividade tenha que ser descartada, ou seja, menos importante, mas vale destacar que os padrões sociais estão mudando e, cada vez mais, a velocidade e a imagem estão presentes, podendo assim refletir quais atividades devem ser desenvolvidas para que se possa deixar a criança com habilidades e competência para ser um leitor crítico.

Sendo assim, parece-nos necessário repensar que, mesmo a escola sendo de bom nível, a forma que as atividades de leitura são apresentadas são muito convencionais para o momento histórico vivido, há por parte das crianças uma visão de mundo horizontal e não mais apenas vertical. As posturas infantis da atualidade são voltadas para um mundo real, elas usam a imaginação, porém se apropriam da realidade que os rodeiam. Acreditamos que essa seja uma verdade que não podemos mais esconder e constatamos esse fato, pois a criança ora objeto de estudo, sempre buscava o computador ao término de sua aula. Como ela era filha da coordenadora pedagógica da escola em que estudava sempre aguardava média de uma hora por sua mãe.

Este fato repetia-se diariamente e para ocupar o seu tempo, ela sempre pedia para ficar no computador e para sair dele era um trabalho enorme, isso porque ficava atenta com a atividade que pedia para sua mãe colocar. Não sabia ainda escrever o endereço do site, mas sabia indicá-lo para sua genitora. Assim, eram todos os dias enquanto aguardava dar a hora de ir embora; então, a curiosidade e o entusiasmo por nossa parte foi aumentando a ponto de pedir para ver suas atividades escolares. E descobrimos que muitos dos assuntos vistos nos jogos, também eram vistos na escola, e, paralelamente, a esta atividade lúdica vivida, diante daquela tela, na escola também eram propostas atividades usando as cores.

Os dados confirmam que o interesse pelas atividades proposta pela professora não era o mesmo, inclusive nas tarefas direcionadas para serem realizadas em casa. A criança realizava a atividade, porque teria que devolver à professora, porém sem entusiasmo algum. Isso nos leva a crer que a forma como são apresentadas para as crianças as atividades escolares impedem a sua

desenvoltura, uma vez que o mundo digital está aí apresentando com uma velocidade enorme formas dinâmicas de aprendizagem, onde as crianças interagem e se interessam para realizarem tarefas diversas. Desse modo, vale ressaltar que esses jogos se tornam para elas desafios interessantíssimos.

Essa criança em frente ao computador jogando de maneira descontraída, usando as cores, tornava a sua aprendizagem significativa. Os dados revelam que ela interagiu e compreendia o que fazia mesmo sem ter o domínio da escrita e da leitura, conseguia vencer os obstáculos que o jogo propunha e avançava cada vez mais em sua compreensão. Aprender as cores era algo divertido e alegre, apesar de ter apenas quatro anos de idade.

Mas, o que nos leva à reflexão é que mesmo sem saber ler, a criança domina essas novas tecnologias que a ela são apresentadas, embora não tenha o domínio da escrita e da leitura convencional, mas consegue através de outras maneiras fazer outros tipos de leituras propostas através dos jogos e interagem diretamente com esse novo mundo que descobre a cada clique do mouse. Além disso, para acessarem um site de jogos, solicitam a seus pais que coloquem endereço e logo se familiarizam com os jogos apresentados. Daí a pergunta por que a escola não lança mão desses artifícios para tornar as aulas mais atrativas? É preciso mudar os paradigmas para que a aprendizagem seja mais significativa.

A análise também destaca um ponto que não é novo, porém persiste: a tecnologia está com evolução constante, mas ainda é “um bicho” para muitos professores. Se é resultado da formação inicial ou da continuada, isso já foi discutido em vários congressos como esse, mas a inserção dos professores precisa ser primeira para que se possa dominar o universo e os vários gêneros digitais.

Concluimos reafirmando que novos gêneros surgem todos os dias e não há como lê-los do mesmo jeito, além de precisarmos reconhecer o processo de letramento é mais complexo e surpreendedor do que se pensa, por isso abre espaço para novas discussões que não cabem ser feitas aqui. Uma criança de quatro anos pode não exercer domínio da leitura e escrita dos códigos linguísticos, no entanto ela é letrada digitalmente consegue entender a linguagem virtual como endereço eletrônico, *e-mail*, *site*, entre outros, notamos com isso que se trata de uma leitura de mundo, um mundo em que o cidadão se insere enquanto sujeito, como muito bem coloca Paulo Freire, em sua reflexão de leitura que expõe que é preciso primeiro ler o mundo em que vivemos para depois ler a palavra escrita. Ao interagir com esse mundo digital, a criança está fazendo uma leitura da realidade do mundo que ela conhece, torna sua aprendizagem significativa e importante. Por isso é lamentável que a escola não faça uso dessas novas tecnologias para tornar a educação mais dinâmica e criativa para nossas crianças.

Referências Bibliográficas

ABREU, L.S.O. 2002. Chat educacional: o professor diante desse gênero emergente. In.: DIONÍSIO, A. et. al. (org.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, PP 19-36.

ALMEIDA, Maria de Fátima. **Linguagem e Leitura: movimentos discursivos do leitor na sala de aula de 5ª série**. Tese de doutorado. UFPE, Recife, 2004,.

ARAÚJO, Júlio César Rocha de. 2003. **Chat na Web: um estudo de gênero hipertextual**. Dissertação de (Mestrado em Linguística) Fortaleza. Universidade Federal do Ceará.

BATISTA, M.E. 1998. **E-mails na troca de informação numa multinacional: o gênero e as escolhas léxico-gramaticais**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

FONSECA, Lorena. 2001. Alocação de turnos em salas de chat e em salas de aulas. In, V, L. M. PAIVA (org.) **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. Belo Horizonte, FALE-UFMG, . PP.74-85.

_____, Lorena. 2002. O uso de chats na aprendizagem de línguas estrangeiras. Caligrama. **Revista do Departamento de Letras Românicas da Universidade Federal de Minas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG, V1. 07. PP. 101-121.

FREIRE, Paulo. 1987. **A importância do ato de Ler**. São Paulo: Editora Cortez.

GAZETA, S. MM. 2000. **A interação na internet: influência das novas tecnologias da comunicação na constituição de novos gêneros discursivos**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Univ. de Campinas (UNICAMP).

HILGERT, Gaston. 2001. A construção do texto "falado" por escrito na internet. In: Dino PRETI (org.). **Fala e escrita em Questão**. (Projetos Paralelos – NURC/SP – Núcleo USP – Vol. 4). São Paulo: Hurmanitas, PP. 17-55.

KOMESU, F.C. 2001. A escrita das páginas eletrônicas pessoais da internet: a relação autor-herói/leitor. Dissertação. (Mestrado em Linguística). Campinas: Instituto da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

LACOMBE, I. A. 2000. **Navegando e aprendendo: reflexões sobre um curso de inglês via rede mundial de computadores**, Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. 2002. **Gêneros textuais emergentes e atividades lingüísticas no contexto da tecnologia digital**. Conferência apresentada na USP por ocasião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo acontecido entre os dias 23-25 de maio de 2002.

McCLEARY, L. E. 1996. **Aspectos de uma modalidade de discurso mediado por computador**. Tese (Doutorado em Linguística). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo (USP).

NADER, V. H. **A interação virtual em diálogos da internet: novas possibilidades para a análise do discurso**. 2001. Dissertação. (Mestrado em Linguística). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP).

PAIVA, Vera Lúcia Menezes. (org.). 2001. **Interação e Aprendizagem em Ambiente Virtual**. Belo Horizonte. FALE – UFMG.

SOUZA, A. R. O. 2000. **"chat" em língua inglesa: interações nas fronteiras da oralidade e da escrita**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

VELLASCO, A. M. de M. S. 1999. O tipo de modalidade de discurso em uma lista de discussões de brasileiros na internet. **Cadernos de linguagem e sociedade**. 3 (2). Brasília: Thesaurus, PP. 101-144.

XAVIER, A. C. & SANTOS, Carmi F. 2000. O texto eletrônico e os gêneros do discurso. **Veredas – revistas de estudos lingüísticos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)**. Jan/jun, V. 4, n. 1. PP. 51-57.

_____, A. C. & MARCUSCHI, Luiz Antônio. (orgs.) 2005. **Hipertexto e Gêneros Digitais**. Editora Lucerna. Rio de Janeiro.

1 Vamos colorir!



Dia Nacional do Livro
Infantil - 18 de abril -



Dê um berito colorido